

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO CAMPO DE TRABALHO DE ENGENHEIROS: AS PRÁTICAS SITUADAS DE LINGUAGEM*

THE DISCOURSE GENRES IN THE WORK OF ENGINEERS: THE SITUATED PRACTICES OF LANGUAGE

Bruna Alexandra Franzen**

Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig***

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre os gêneros discursivos (escritos) que engenheiros apresentam como parte de seu dia a dia no campo de trabalho e lançar uma reflexão em torno do papel do ensino superior no que diz respeito à abordagem de tal questão. Para tanto, são apresentados parte de dados gerados a partir de entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio com engenheiros formados e atuantes na sua área de formação. A análise é feita a partir de uma perspectiva que compreende o gênero como prática social que envolve a linguagem, com base enunciativa, ancorada no Círculo de Bakhtin, e nos Novos Estudos do Letramento. Os dados apresentados revelam o uso de diferentes gêneros discursivos no cotidiano profissional da engenharia e, imbricada a essa reflexão, está o ensino superior, cujo papel ainda se desenha diante desse aspecto específico.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros discursivos; educação em Engenharia; campo do trabalho.

ABSTRACT

The objective of this work is to discuss about discourse genres (writings) that engineers present as part of their daily life in the field of work and to launch a reflection on the role of higher education in this regard. Therefore, there will be presented part of the data generated from semi-structured interviews recorded in audio with engineers who were trained and active in their field. The analysis is made from a perspective that understands the genres as a social practice that involves the language, based on enunciative perspective, anchored in the Circle of Bakhtin, and in the New Literacy Studies. From the analysis made, the discourse genre is reaffirmed as a situated practice of language that has the purpose of accomplishing a specific objective in a given social space, which shows the relevance of thinking a teaching that also goes through this aspect at the time of formation in higher education.

KEYWORDS

Discourse genres; engineering education; field of work.

* Artigo recebido em 03/08/2018 e aprovado em 20/11/2018.

** Universidade Regional de Blumenau.

*** Universidade Regional de Blumenau.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, buscamos retomar a discussão iniciada em Franzen (2012) que visou olhar e compreender os usos da leitura e da escrita no campo de trabalho de engenheiros. Tendo em vista a continuidade do projeto mais amplo, no qual a pesquisa se inseriu, retomamos nossos dados a fim de, neste momento, discutir especificamente sobre os gêneros discursivos (escritos) que os sujeitos apresentam como parte de seu dia a dia no campo de trabalho e lançar uma reflexão em torno do papel do ensino superior no que diz respeito a esse aspecto.

A relevância de retomar esses dados e dar seguimento à discussão que envolve gêneros discursivos, trabalho e engenharia se mostra com os resultados retornados de uma busca realizada no Portal de Periódicos da Capes. Ao usar os termos citados (“gêneros textuais”¹ AND engenharia AND trabalho), temos como retorno 22 trabalhos, nenhum deles, no entanto, volta-se para o profissional da engenharia. Há um artigo que discorre sobre o trabalho do docente de língua portuguesa em contexto de educação profissional (VALEZI, 2017), mas que não se relaciona diretamente com o nosso contexto de pesquisa. No mais, a maioria dos trabalhos está, na verdade, direcionada ao ensino dos gêneros textuais no ensino superior ou para os letramentos acadêmicos, sem abordar a área profissional, de modo mais amplo, ou da área profissional da engenharia, de modo mais específico.

Um dos trabalhos, contudo, chama a atenção e vale ser destacado aqui, por tratar da formação de engenheiros. Ribeiro, Guimarães e Silva (2012) realizam uma entrevista focal com estudantes e coordenadores da engenharia. Durante essa entrevista, os participantes são questionados sobre as aulas de português e de redação ofertadas na instituição de ensino na qual estão inseridos. As respostas dadas pelos estudantes revelam, por um lado, o papel da leitura e da escrita para o profissional da engenharia e, por outro, a visão dos estudantes diante dessa questão. Esses pontos serão abordados mais adiante, a fim de fazer um contraponto com os dados apresentados neste trabalho. Cabe destacar que, diante dos resultados obtidos com a busca realizada no portal e, ainda, com as reflexões propiciadas pelo único trabalho que, de fato, segue na direção deste artigo, reafirma-se a relevância de seguir a discussão sobre a leitura e a escrita no campo de trabalho da engenharia, especificamente no que diz respeito aos gêneros discursivos, que circulam nessa área, e à relação de tais competências com a formação no ensino superior.

Quando se trata desse nível de ensino é fundamental olhar também para o campo de trabalho, pois ambos caminham juntos. O ensino superior reinventa-se de acordo com as exigências e as mudanças do campo profissional. Nessa perspectiva, para refletir sobre os aspectos que envolvem os gêneros discursivos a serem trabalhados no

¹ Ao pesquisar com o termo “gênero discursivo” aparecem ainda menos resultados. Por isso, para ampliar a busca, optamos por usar o descritor “gêneros textuais”.

momento da formação de um profissional, olhar para o campo de trabalho se mostra essencial. É nessa direção que se faz pertinente a discussão que ora propomos.

A pesquisa desenvolvida fez parte de um projeto maior, denominado “Padrões e funcionamento do letramento acadêmico em cursos brasileiros e portugueses de graduação: o caso das engenharias”, que foi realizado a partir de uma parceria entre a Universidade Regional de Blumenau (FURB), no Brasil, e a Universidade do Minho, em Portugal. Esse projeto comportou diversas pesquisas (SCHLICHTING, 2016; FISCHER; HEINIG, 2014; FRANZEN, 2012; HEINIG; SANTOS, 2011) que lançaram o seu olhar para os letramentos nas engenharias. O foco primeiro do projeto estava no ensino superior, contudo, nosso trabalho insere-se no projeto de forma a compreender formação e atuação como um *continuum* e volta-se para o que os engenheiros encontram, no que diz respeito à leitura e à escrita, após o ensino superior – no campo do trabalho. Com essa visão ampla, proporcionada pelas pesquisas inseridas nesse projeto, foi possível pensar nos gêneros que fazem parte da vida do estudante de engenharia (do início ao fim da graduação) e do engenheiro em seu campo de trabalho (foco deste artigo).

As transformações que ocorrem na sociedade se refletem no campo de trabalho das mais variadas áreas e, desse modo, acabam influenciando também no lugar que forma o profissional. Dito isso, o fato de estarmos inseridos em uma sociedade grafocêntrica faz com que o escrito esteja presente em nosso dia a dia das mais variadas formas, materializando-se nos mais diversos gêneros discursivos. Por conta desse aspecto, os gêneros são produzidos e analisados em campos específicos, já que entendemos a linguagem como social e culturalmente situada. Normalmente pensamos sobre os gêneros discursivos nos contextos do ensino fundamental e médio. Este trabalho, no entanto, apresenta-se com o objetivo de uma reflexão voltada para o trabalho desses gêneros no ensino superior, mas, como já apresentado, partindo de um olhar que vem das exigências do campo de trabalho, ou seja, partindo da situação de comunicação real.

Com essa compreensão e intento, desenvolvemos o presente artigo que, após esta breve introdução, traz a metodologia utilizada e, em seguida, o aporte teórico que sustenta as nossas discussões para, então, refletir sobre os dados gerados na pesquisa empreendida. Por fim, são feitas as considerações em torno do exposto ao longo do texto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa em educação, com enfoque sócio-histórico. Construir a pesquisa nessa perspectiva significa compreendê-la “como uma relação entre sujeitos possibilitada pela linguagem”. (FREITAS; SOUZA; KRAMER, 2003, p. 29). Os dados foram gerados (MASON, 1996) a partir de entrevistas individuais, semiestruturadas e gravadas em áudio com dez engenheiros formados e atuantes na

sua área de formação². De acordo com Freitas, Souza e Kramer (2003, p. 34), a entrevista, nesse contexto, pode “ser compreendida como uma produção da linguagem. [...] acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado(s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a mútua compreensão”.

A entrevista iniciou com uma questão geral, a partir da qual os engenheiros puderam discorrer sobre o papel da leitura e da escrita em seu campo de trabalho. No decorrer da conversa, contudo, fomos fazendo outros questionamentos, dentre eles sobre os gêneros que precisavam ler e escrever no seu dia a dia profissional. São essas respostas que orientam a reflexão proposta neste momento. Após a gravação das entrevistas em áudio, elas foram transcritas a fim de que pudessem ser analisadas. Como recursos de transcrição, as ênfases dadas pelos sujeitos no momento da fala foram representadas com letras maiúsculas, para os cortes na fala foram utilizadas barras e, neste trabalho, todos os trechos transcritos são apresentados em itálico.

Para chegar aos sujeitos participantes da investigação, foram usados como ponto de partida os cursos de engenharia que, na época da realização da pesquisa, eram ofertados pela Universidade 1, instituição na qual estava sendo desenvolvido o estudo. Naquela época a instituição ofertava seis cursos de engenharia: Engenharia Florestal, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Química e Engenharia de Telecomunicação. A partir disso, buscamos por sujeitos que fossem formados nessas áreas, embora não precisassem ser, necessariamente, formados pela referida universidade. A partir, então, de convites enviados, chegamos ao número de dez sujeitos que aceitaram participar da gravação das entrevistas. Para este trabalho, a fim de discorrer sobre os gêneros discursivos, selecionamos os dizeres de seis engenheiros participantes da pesquisa que serão denominados como: Engenheiro Eletricista₁₉₉₅³, Engenheiro Civil₁₉₈₈, Engenheira Química₂₀₀₈, Engenheira Química₁₉₉₉, Engenheiro Eletricista₂₀₀₁ e Engenheiro de Telecomunicações₂₀₀₆. Fizemos esse recorte com o intento de aprofundar a análise em torno da reflexão proposta por esses sujeitos. Além disso, os gêneros citados por eles também são recorrentes na fala dos outros participantes da pesquisa.

Compreendemos os engenheiros que participaram desse estudo como sujeitos que podem refletir e enunciar sobre a sua realidade, o seu contexto e as suas experiências. A partir da percepção deles, que conhecem o lugar social de onde falam, é que podemos construir interpretações, bem como conhecer esse espaço social. Os sujeitos, por meio de seus enunciados, nos fazem adentrar em seu mundo e, assim, nos mostram a realidade do seu contexto, o que é essencial pois, de acordo com Motta-Roth (2011, p.169), “ao investigar linguagem como gênero, a relação dialética entre texto e

² Os dados analisados neste artigo foram gerados entre 2010 e 2012, período no qual as instituições proponentes não exigiam aprovação ética para pesquisas das áreas de Educação e Linguística.

³ Profissão seguida do ano de formação.

contexto se evidencia [...]”. Assim, é esse contexto que buscamos compreender para, então, refletir sobre os gêneros discursivos próprios desse espaço.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS QUE GUIAM AS DISCUSSÕES

Antes de partir para a discussão dos dados propriamente dita, onde a teoria certamente será mobilizada, faz-se relevante consolidar os fundamentos que guiam as discussões aqui estabelecidas. As nossas reflexões estão embasadas em duas concepções teóricas que podem ser compreendidas como complementares e que sustentam as discussões em torno de gênero textual, a saber: a teoria enunciativa do Círculo de Bakhtin e os Novos Estudos do Letramento (STREET, 2003; BARTON; HAMILTON, 2004; GEE, 2005; LEA; STREET, 2006). Neste momento, abrimos este espaço para refletir em torno dessas questões e expor a compreensão base que sustenta nossas análises. No que tange à teoria enunciativa do Círculo de Bakhtin, compreendemos a linguagem como uma manifestação que se dá a partir da interação entre sujeitos situados social, histórica e culturalmente. Os Novos Estudos do Letramento, por sua vez, trazem para o centro das discussões o uso da leitura e da escrita a partir da perspectiva de práticas sociais. Tomando por base esses pilares teóricos, pensamos e conceituamos o gênero textual.

Nesse viés e de acordo com a perspectiva apresentada por Schneuwly e Dolz (2004), partimos do entendimento do gênero de forma situada em práticas sociais de linguagem. Nessa compreensão de práticas, estão as questões sociais envolvidas no contexto em que se está inserido, mas, por outro lado, há também as questões internas, do próprio sujeito, que envolvem capacidades cognitivas, discursivas e de ação (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). De acordo com esses autores, ainda, “os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem” (p. 74). Os gêneros textuais possuem semelhanças que os aproximam e os caracterizam, e é a partir delas que surgem as estratégias a serem usadas para que se possa atingir um dado objetivo em uma ação comunicativa. Em um determinado campo social, portanto, existirão diversos gêneros que circulam e que se aproximam no que tange, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), ao conteúdo a ser abrangido, isto é, o propósito do gênero, às configurações de linguagem específicas e aos elementos que compõem a estrutura comunicativa daquele gênero. Assim, de acordo com Marcuschi (2008, p.150), “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”.

No contexto profissional, o domínio dos gêneros próprios daquele campo aparece como um recurso para a construção da identidade do sujeito nele inserido. Dessa forma, saber usar a linguagem vai além de comunicar algo e, ao dominar um gênero determinado, não se domina, de acordo com Marcuschi (2008), uma forma linguística, mas um modo de realizar linguisticamente objetivos determinados em situações sociais específicas. Assim, há um objetivo a ser linguisticamente desenvolvido e, a partir de gêneros específicos, isso se concretiza. Desse modo, seguindo na

perspectiva de Marcuschi (2008), a partir dos gêneros utilizados, os engenheiros inserem-se, agem e possuem o controle social do que ocorre em seu cotidiano. É com essa compreensão que caminham as análises realizadas no presente trabalho, na medida em que os engenheiros entrevistados discorrem sobre a função dos gêneros que encontram no cotidiano das mais diversas áreas em que atuam.

Assim, a perspectiva que guia o olhar que lançamos sobre os dados e, especialmente, sobre os gêneros discursivos, é essa que desenhamos nesta seção e que será ampliada a partir das discussões que seguem.

“FAZER RELATÓRIOS [...] ESPECIFICAR UM DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO”: OS GÊNEROS QUE CIRCULAM NO CAMPO DE TRABALHO DE ENGENHEIROS

Para Bakhtin (2010a, p. 261), todos os “campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Nesse sentido, conforme já apresentado de forma breve, os sujeitos produzem discursos próprios de seu campo, esses discursos são considerados enunciados que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2010a, p. 261). A partir da discussão acerca dos gêneros presentes no campo de trabalho das engenharias, conseguimos, então, compreender as suas condições e finalidades. As realizações linguísticas próprias de situações particulares (MARCUSCHI, 2008) materializam-se a partir dos gêneros textuais. Essas realizações linguísticas específicas do campo do trabalho de engenheiros fazem parte dos “Discursos secundários” (GEE, 2005) que um sujeito precisa dominar. Isso significa que, ao conhecer os gêneros que os engenheiros utilizam, poderemos propor uma reflexão acerca dos usos da leitura e da escrita e, desse modo, refletir sobre o papel do ensino superior no desencadear desse conhecimento. Antes disso, contudo, é importante

atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários [...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2010a, p. 263).

No que concerne a essa questão, o domínio de algum gênero é inerente a todo indivíduo, pois mesmo o relato oral mais simples possui uma estrutura e, também, recursos linguísticos que serão mobilizados. Desse modo, podemos efetuar uma correlação entre os gêneros e os discursos primários e os discursos secundários. Os secundários são formulados e produzidos a partir dos primários e estes, por sua vez, serão reformulados a partir do domínio de diferentes gêneros e discursos secundários.

Diversos gêneros foram elencados a partir de todas as entrevistas efetuadas. Estão, portanto, presentes nos dizeres dos engenheiros quando eles falam dos textos

que precisam produzir e ler. Relatórios, memoriais descritivos, laudos técnicos, editais, e-mails, diagnósticos, licitações, artigos científicos, catálogos, projetos, revistas especializadas, contratos, manuais, formulários e reuniões são gêneros que fazem parte do dia a dia de um engenheiro. Todos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010a, p. 262) que fazem parte desses denominados gêneros secundários, que são mais complexos e, de alguma forma, já foram formulados e reformulados dentro do espaço onde os sujeitos estão inseridos. São formas de linguagem com as quais os sujeitos entrevistados precisam conviver e interagir. Podemos dizer que, nesse contexto profissional, os gêneros seguem o que apresenta Marcuschi (2008, p. 154) e operam “como forma de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhe dão sustentação além da justificativa individual”.

A partir de tudo o que foi enunciado ao longo das entrevistas realizadas, antes de partirmos para os dados propriamente ditos, apresentamos o quadro 1 que sintetiza os gêneros e suportes citados pelos sujeitos como de uso contínuo na atuação profissional.

Quadro 1 - Suportes e Gêneros Discursivos por área

Engenharia Civil	Laudo Técnico Projetos Relatório Revistas especializadas Memorial
Engenharia Química	Artigos Científicos Documentos Relatórios Notícias E-mails Diagnósticos Folhetos Técnicos
Engenharia Elétrica	Artigos Científicos Relatórios Orçamentos Catálogos Licitações Manuais Normas Contratos Editais Memoriais Descritivos
Engenharia de Produção	Normas Técnicas Relatórios
Engenharia Florestal	Artigos Científicos Ofícios Projetos

	Relatórios
	Formulários
Engenharia de Telecomunicação	Projetos
	Editais
	Manuais
	Revistas técnicas

Fonte: As autoras, com base em Franzen (2012).

Ao analisar o quadro 1, podemos, então, perceber as especificidades e as interlocuções entre os suportes e os gêneros que cada engenheiro lê e/ou produz. O quadro foi apresentado com a finalidade de estabelecer um panorama dos gêneros que circulam no campo da engenharia. Corroborando esse quadro, estão as discussões de Ribeiro, Guimarães e Silva (2012), as quais apresentam, em seu trabalho, que os gêneros destacados pelos estudantes de engenharia como mais relevantes são aqueles voltados para o campo do trabalho, e entre os mais citados estão o relatório e o e-mail. Os autores ressaltam, ainda, que a partir do que enunciam os estudantes, “O letramento acadêmico parece, então, mesclado à comunicação oral e escrita relacionada ao mundo do trabalho, como se as aulas de Português tivessem a função de adiantar o letramento profissional dos estudantes, e não propriamente seu letramento acadêmico” (RIBEIRO; GUIMARÃES; SILVA, 2012, p. 129). Essa consideração nos dá indícios da relação direta que é esperada entre academia e mundo profissional, especialmente quando se tratam de questões que envolvem leitura e escrita. Com base nisso, traçamos as discussões realizadas a partir dos enunciados recortados para este artigo.

Sabemos que esses gêneros não são estanques, e, nessa perspectiva, de acordo com Marcuschi (2011, p.19), “não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida”. Esse primeiro levantamento, no entanto, mostra-se importante para que se consiga mapear as especificidades que envolvem a linguagem nesse contexto social. Cada um desses gêneros e/ou suportes apresentados possui características diferentes e, portanto, o profissional, ao produzi-los ou lê-los, precisa dominar diferentes usos da linguagem e diferentes discursos. Destacamos, ainda, que alguns dos gêneros que os engenheiros citam não estão restritos ao campo específico da engenharia (como os editais, as licitações, os e-mails, os artigos científicos, as notícias). São gêneros que circulam, com os quais os engenheiros se deparam no seu cotidiano e que possuem finalidade e estrutura próprias do espaço social onde estão inseridos. Assim, “eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional” (MARCUSCHI, 2011, p. 19) específica desse campo e a este são incorporados e utilizados com objetivos específicos.

Entrevistamos engenheiros de áreas diferentes e neste artigo, como já apresentado, temos engenheiros das áreas civil, elétrica, química e telecomunicação. A maioria dos gêneros perpassa por todas essas áreas, ou seja, está presente na voz de quase todos os sujeitos, mas os que mais se repetem são os memoriais, os projetos e os relatórios, tanto no que diz respeito à escrita como à leitura. Alguns gêneros irão variar

de acordo com a função do engenheiro em seu trabalho, pois alguns são coordenadores, outros autônomos, alguns atuam em grandes empresas, outros em laboratório. Mas, por mais variadas que sejam suas funções, todos utilizam algum gênero textual próprio da área em seu cotidiano.

Dito isso, partimos para o que enunciam os sujeitos a respeito da temática. O Engenheiro Civil¹⁹⁸⁸ ressalta o papel dos gêneros que utiliza em seu cotidiano e a forma como eles se estruturam:

*Engenheiro Civil¹⁹⁸⁸: os raciocínios que levam para determinados direcionamentos têm que ser passados, isso é o o **memorial**, que não é o memorial **apenas** é/ das partes assim dos números, mas também todo é/ na verdade deveria ser passado toda essa/ a sequência do raciocínio de uma forma acessível e também **não somente acessível para os da/ técnicos da área***

P: eles são escritos em forma de relatório? quais são os tipos de texto assim que se produz?

*Engenheiro Civil¹⁹⁸⁸: não são relatórios, [são textos] geralmente **com introdução, a apresentação, o apanhado geral do que que vai ser trabalhado**, sei lá, em termos de abastecimento de água, de proprietário, se é para um bairro, área sul, norte, e é/ depois assim começa mais as características assim, a caracterização geográfica, aonde fica, porque isso são/ também como isso geralmente são trabalhos que tem um longo caminho assim, passam por várias instituições, autoridades, é órgão financiador.*

Esse sujeito explica que, no seu campo de trabalho, realizar o raciocínio matemático de modo adequado não é o suficiente. Ao usar a expressão *apenas*, dá pistas ao seu interlocutor de que não basta ter o conhecimento técnico e de números, ou seja, ao produzir o memorial é preciso ir além e fazer uso dos recursos linguísticos e estruturais necessários para a escrita do gênero. Destaca, ainda, a característica dos gêneros que produz em seu dia a dia, revelando usos específicos do seu campo. Nesses usos estão as marcas que tornam os sujeitos pertencentes a um campo discursivo. Nesse sentido, o gênero adquire um papel que vai além da interação e do objetivo dele em si, mas revela, também, a identidade do profissional engenheiro e o situa como pertencente a esse determinado campo. Esse sujeito cita, em especial, o memorial, que destaca ser diferente de um relatório, e que é de uso constante entre as atividades requisitadas na função que ele exerce.

Para continuar nossas discussões e refletir acerca desses diferentes gêneros apresentados durante as entrevistas, trazemos o que disse o Engenheiro Eletricista¹⁹⁹⁵ no momento em que conversamos sobre o uso da leitura e da escrita na sua atuação profissional:

*Engenheiro Eletricista¹⁹⁹⁵: escrevo, justamente, eu tinha falado, é, **fazer relatórios**, expressar ideias e por, é como que é, **especificar um desenvolvimento de produto**, alguma coisa assim, então tem que ter a escrita e, de preferência, com **um português CLARO e objetivo**, e sem/ sem muitos erros de concordância, não, não induzir a ideias diferentes do que se tá propondo.*

Ao enunciar sobre o gênero que utiliza em seu trabalho (o relatório), o sujeito nos faz conhecer o seu grupo social e, também, o momento histórico em que está

inserido, pois, de acordo com Bakhtin (2010b, p.44), “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica”. O Engenheiro Eletricista¹⁹⁹⁵, nesse caso, apresenta o gênero que precisa utilizar e já acrescenta como ele deve ser formulado dentro do seu campo de trabalho para que o outro, o interlocutor que lerá o escrito, consiga compreender, interagir e atribuir respostas. Diante disso, o engenheiro coloca algumas condições a serem consideradas para que o texto atinja o seu propósito comunicativo. Assim, por considerar o interlocutor nesse processo discursivo escrito, ressalta, de forma enfática, a clareza e a objetividade que garantirão o sentido e a compreensão daquele(s) para quem o gênero é produzido. Sobre esse aspecto, podemos retomar também o que afirma o Engenheiro Civil¹⁹⁸⁸ ao dizer que o texto deve estar acessível *não somente* para quem é da área. A intenção que subjaz os enunciados desses dois sujeitos é que o escrito se transforme “num evento discursivo comunicativamente relevante” (MARCUSCHI, 2008, p.98), e para tanto é preciso que os recursos linguísticos sejam usados de forma coerente e significativa.

Na sequência, aproximamos o enunciado de outras duas engenheiras que refletem sobre a relevância social do que se lê e se escreve na área da engenharia:

*Engenheira Química²⁰⁰⁸: então, eu acredito assim, **livros, artigos científicos, artigos de revistas**, eu acho que isso dá uma fundamentação boa, só que daí vai esbarrar em outro problema como/ aquele problema que eu tinha te falado, como tu passar isso pras pessoas que não são da área, aí essa parte já complica um pouco assim, eu acredito que leitura, leitura normal assim, tipo um **jornal**, uma **revista não técnica**, um livro*

*Engenheira Química¹⁹⁹⁹: já tive que fazer diversos **relatórios, diagnósticos ambientais, diagnósticos de qualidade**, às vezes as empresas me contratam/ agora um cliente me pediu preciso que você venha fazer um diagnóstico da nossa situação atual com **pontos de melhorias**, o que que a gente pode fazer pra **reduzir custos e ganhar tal**, projetos e pagar tudo mais.*

Os dois sujeitos enunciam sobre os gêneros que usam (na leitura ou na escrita) dentro de seu campo de atuação. A Engenheira Química²⁰⁰⁸ aponta para o uso de gêneros de maior circulação dentro da sociedade de modo geral (como os que circulam em jornais e revistas), o que retoma a relação que o profissional precisa ter com o que se tem discutido fora do campo de trabalho. Essa engenheira ressalta que é necessário fazer leituras que abarquem outras áreas para que o profissional consiga recursos para se fazer compreender por pessoas que não são do campo da engenharia.

Todos os campos possuem linguagem e discursos próprios que constroem a identidade profissional de um sujeito. O profissional, no entanto, não está isolado na sociedade e precisa interagir com pessoas que estão fora do seu campo de atuação. Nessa perspectiva, precisa dominar, também, outras formas de linguagem que não somente aquela empregada dentro da área da engenharia. Nesse tópico se apresenta importante o estilo do gênero. Esse estilo é que caracteriza a identidade de quem redigiu ou proferiu um determinado discurso. De acordo com Bakhtin (2010a, p. 265), todo enunciado “é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem

escreve), isto é, pode ter estilo individual”. Essa individualidade se torna uma dificuldade quando o sujeito precisa *passar isso pras pessoas que não são da área*, conforme afirma a Engenheira Química²⁰⁰⁸, pois isso ocorre quando se sai da estrutura formatada com a qual eles estão acostumados e entra o estilo, a adequação à situação enunciativa e ao interlocutor.

A Engenheira Química²⁰⁰⁸ discorre, ainda, sobre as dificuldades que encontra no momento de *passar* para o outro (este não especialista na área) e apresenta suas estratégias para contornar essas dificuldades. Para tanto, sugere a leitura de jornais e revistas. Deprendemos, com esse dizer, que o engenheiro procura ter contato com gêneros de circulação geral para poder adaptar seu vocabulário e, ainda, o seu modo de escrita. Isso aponta para a formulação de um estilo próprio que possibilite a interação com o seu interlocutor. Ressaltamos o estilo, especificamente, porque é nessa dimensão que residem os recursos linguísticos que serão mobilizados no momento de produzir um gênero.

No enunciado da Engenheira Química¹⁹⁹⁹ inferimos que os gêneros que ela produz possuem um objetivo muito claro – especificar as melhorias a serem aplicadas nas empresas para a qual presta consultoria: *fazer um diagnóstico da nossa [da empresa] situação atual com pontos de melhorias, o que que a gente pode fazer pra reduzir custos e ganhar tal*. Desse modo, precisa ter um domínio, não somente do conteúdo, mas do gênero que está elaborando – neste caso, um diagnóstico – para conseguir atingir o objetivo proposto pelo cliente que, possivelmente, não é engenheiro. Entendemos que o gênero precisa, portanto, cumprir o seu papel para que *os pontos de melhorias* sejam aplicados e a empresa possa *reduzir custos e ganhar*.

Essa questão está sinalizada, também, em outro momento da entrevista com a Engenheira Química²⁰⁰⁸, em que explica o seguinte: *não consegue [refere-se a engenheiros de modo geral] passar por escrito o que realmente ele quer dizer, **porque eles têm essa dificuldade na, na escrita assim***. Inferimos, a partir da utilização do articulador textual *porque* no enunciado, a relação de causalidade que pode afetar o engenheiro no momento da escrita. Ou seja, o sujeito não consegue se fazer compreender por ter dificuldades em escrever, mas quais dificuldades seriam essas? Para responder a essa pergunta, retomamos o dizer do Engenheiro Eletricista¹⁹⁹⁵, que enuncia sobre os erros de concordância (o que nos remete para as questões de coesão e coerência), a clareza de um texto e a sua objetividade.

Além desses fatores, embora o foco do presente artigo esteja nos gêneros discursivos escritos, podemos trazer o que enuncia a Engenheira Química¹⁹⁹⁹ em outro momento da entrevista acerca da adaptação da linguagem a cada situação enunciativa. A engenheira conta sobre momentos nos quais precisava atuar como *meio de campo* entre auditores externos e operários. Então, enuncia o seguinte: *o auditor perguntava e eles [os operários] me olhavam aí eu **traduzia** a pergunta pro termo do dia a dia deles e eles respondiam, então se você tá muito bitolado só no seu dia a dia de trabalho que não*

*consegue visualizar a dificuldade dos **OUTROS** você não anda.* Nesse trecho, a Engenheira Química¹⁹⁹⁹ explicita o papel do outro no cotidiano profissional e a compreensão que precisa ocorrer para que haja a interação. Ainda, o sujeito dá ênfase à palavra *outros*, o que nos remete à importância de tentar se colocar no lugar do outro e adequar a linguagem (oral ou escrita) para obter sucesso em seu trabalho.

Destacamos, ainda, nesse excerto, o verbo *traduzir* que, nesse contexto, revela a alternância de discursos e o domínio que o sujeito precisa ter acerca das diferentes formas de linguagens, a fim de obter êxito em sua função. Amorim (2004), em seu texto, discute a alteridade no processo de tradução. A autora discorre sobre o processo de passar um discurso de uma língua para outra. Podemos, entretanto, aproximar o enunciado da Engenheira Química¹⁹⁹⁹ com o que apresenta a autora sobre tradução: “A tradução faz aparecer a inevitável dinâmica de alternância entre o *dentro* e o *fora* e da abertura ao outro que é própria do conhecimento” (AMORIM, 2004, p. 46). Assim, o engenheiro, em seu processo de *traduzir*, busca incluir o “outro” no discurso. Isso tudo nos remete ao processo dialógico que permeia a constituição dos gêneros. Como afirma Bakhtin (2010a, p. 271), “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva”. Portanto, a tradução, conforme enuncia o sujeito, caracteriza a própria interação e, nela, a construção de sentidos.

Para esses engenheiros, cada gênero que utilizam possui uma função social bem determinada com objetivos estabelecidos. Para atingi-los, compreendem, mesmo implicitamente, que precisam dominar as dimensões composicionais de um gênero para que consigam concretizar com sucesso o seu trabalho e, para muito além disso, recorrerem a um discurso próprio de seu campo profissional com a finalidade de “exercer qualquer tipo de poder ou influência” (MARCUSCHI, 2008, p. 162) a fim de concretizarem seu papel enquanto engenheiros.

Para dar continuidade à discussão, apresentamos o dizer do Engenheiro Eletricista²⁰⁰¹ que, ao citar os gêneros que fazem parte do seu cotidiano, explica o que é necessário nos textos que produz:

*Engenheiro Eletricista²⁰⁰¹: escrevo todos os dias, é eu preciso escrever **LAUDOS técnicos** né de quando, quando a gente é solicitado, né? quando nós somos solicitados pra isso, é orçamentos, é eles precisam é, alguns orçamentos precisam vir acompanhado de **memorial descritivo**, o que vai ser feito, como vai ser feito, quais as normas empregadas, então isso, todos os dias eu preciso escrever, todos os dias.*

O Engenheiro de Telecomunicações²⁰⁰⁶, por sua vez, situa o contexto da empresa onde trabalha e, a partir disso, direciona para os gêneros com os quais tem mais contato, tanto no que diz respeito à leitura quando à escrita:

*Engenheiro de Telecomunicações²⁰⁰⁶: tem leituras, como a gente é uma empresa de tecnologia, eu leio **manuals de equipamentos** pra soluções e a gente vende projetos, então até no início a gente teve uma reunião aqui pra vender um projeto, a gente faz um/ forma um **edital**/ auxilia/ faz consultoria pra formação de edital, a gente trabalha bastante com saneamento básico então auxiliamos o [nome da empresa] a*

formar um edital, a... quero comprar tal coisa, mas como faço? não sei, então a gente faz uma consultoria e faz um descritivo.

Esses dois sujeitos também trazem em sua fala o trabalho com diferentes gêneros em seu dia a dia, mostrando que o engenheiro está constantemente em contato com textos e discursos diferentes daqueles que, muitas vezes, são o foco do trabalho no ensino superior. O Engenheiro Eletricista²⁰⁰¹ inicia a sua fala ressaltando que escreve todos os dias, mostra que a escrita faz parte das suas tarefas cotidianas e apresenta o laudo técnico e o memorial descritivo como gêneros de produção intrínseca a sua função e como “rotinas sociais do [seu] dia a dia” (MARCUSCHI, 2011, p. 18). O Engenheiro de Telecomunicações²⁰⁰⁶ destaca que, por trabalhar em uma empresa de telecomunicações, lê manuais de equipamentos, mas, além disso, trabalha auxiliando empresas a elaborar editais a partir de consultoria. Nesse aspecto, podemos corroborar o que afirma Marcuschi (2011) sobre o caráter cultural dos gêneros que, a partir da linguagem, dão corpo às ações sociais, exemplificadas, nesse caso específico, com a ação da compra de determinados equipamentos que o profissional, enquanto engenheiro da área de telecomunicação atuante em uma empresa, orienta.

Concatenando tudo o que foi enunciado pelos sujeitos investigados, é possível depreender que há, portanto, a rigidez que o campo do qual fazem parte exige, mas há, também, as adaptações que precisam realizar, para as quais muitos dizem não terem sido preparados durante a formação. Os discursos são apreendidos, de acordo com Zavala (2010), ao se fazer parte de um campo – ou ao participar dos contextos em que determinados discursos são usados –, mas qual o campo responsável pela discussão sobre os gêneros encontrados no dia a dia do trabalho, sobre as adaptações da linguagem às diversas situações enunciativas e sobre o estilo no momento de produzir um texto? Há um campo responsável por essas questões? O ensino superior dá conta de todas essas demandas? É papel do ensino superior, em um curso de engenharia, dar conta de tais questões? Se não, de que forma o engenheiro aprende a lidar com os gêneros que precisa produzir? São questionamentos que ficam latentes após todas essas interlocuções.

Diante disso, os resultados obtidos por Ribeiro, Guimarães e Silva (2012) dão indícios de que os estudantes percebem a necessidade de uso da leitura e da escrita quando adentram em seu campo profissional. No entanto, não consideram relevantes as disciplinas de português e de redação para a sua formação. De acordo com as autoras, os futuros engenheiros sugerem minicursos mais rápidos que deem dicas precisas com uma ponte direta para o campo profissional: “O que se depreende da discussão dos estudantes é que cursos curtos e oficinas de teor muito prático seriam mais aceitos do que aulas teóricas ou atividades de caráter muito geral nas disciplinas de línguas” (RIBEIRO; GUIMARÃES; SILVA, 2012, p. 125). Cabe, contudo, destacar que o que os engenheiros formados e atuantes em seu campo profissional destacam, na pesquisa que empreendemos, é que para dominar a escrita e a leitura com a qual precisam lidar em

seu cotidiano são necessários conhecimentos que vão além da parte técnica da engenharia e, também, vão além no que tange aos conhecimentos técnicos que envolvem o ato de ler e escrever em si. É preciso dominar recursos linguísticos para utilizá-los de modo adequado e, dessa forma, atingir o objetivo específico solicitado no campo profissional.

Depreendemos, dessa forma, com as discussões realizadas, que os engenheiros, além de usarem a leitura e a escrita em seu cotidiano profissional, compreendem que precisam dominar os recursos linguísticos que são necessários para produzir um determinado discurso, e isso fica implícito nos momentos em que os sujeitos se referem à adequação da linguagem. O objetivo primeiro de qualquer enunciado, escrito ou oral, é a interação com o outro, isto é, se fazer compreender para que o interlocutor, a partir de seus conhecimentos prévios, construa sentidos e possa proferir uma contrapalavra (de concordância ou discordância) (BAKHTIN, 2010b) ao que foi enunciado, conforme já discutido. Para além disso, o uso de gêneros discursivos próprios constrói também a identidade do profissional e faz com que ele atinja os objetivos específicos desse espaço social. Ao compreender a língua como interação, então, está se conectando os usos da língua às práticas sociais do dia a dia. Os engenheiros escrevem e leem com finalidades específicas, as quais apresentam em seus dizeres.

Todo o apresentado até então nos faz pensar acerca da constituição da identidade do engenheiro que já inicia no momento da sua formação no ensino superior. Isso porque, como afirma Gee (2005), a partir dos Discursos utilizados, dos campos nos quais se está inserido e dos gêneros utilizados, serão formulados “kits de identidade” que projetarão uma das identidades desses sujeitos que entrevistamos – de engenheiros –, dentre tantas outras que os constituem. Não há como estabilizar a identidade e afirmar que ela está acabada, pois ela é reformulada e interpelada pelos diversos sistemas culturais que rodeiam o sujeito (HALL, 2005). As respostas dadas pelos engenheiros apontam para uma construção do profissional diferente do que se costuma ouvir no senso comum. Os sujeitos mostram que, para fazer parte do campo da engenharia, é preciso dominar e participar de diferentes práticas de letramentos e, além disso, que diferentes gêneros do discurso estão presentes no cotidiano deles.

A partir do que os engenheiros expõem, é possível construir algumas compreensões acerca de eventos de letramentos, que envolvem também a produção de gêneros discursivos e que permeiam a prática profissional desses engenheiros. As diversas interações por meio dos mais variados gêneros discursivos, as produções e os usos de diferentes gêneros, entre tantas outras práticas, refletem os eventos cotidianos que caracterizam a profissão e a atuação desses sujeitos. Os eventos de letramentos, de acordo com Barton e Hamilton (2004, p. 114), são definidos como “[...] episódios observáveis que surgem das práticas e são por elas moldados. A noção de evento

acentua a natureza ‘situada’ do letramento, pois este sempre existe em um contexto social⁴’.

Quando percebemos que os usos feitos da leitura e da escrita são sociais, históricos e situados (FISCHER, 2007) sabemos que eles irão variar de acordo com o campo em que se está inserido e com o momento em que se está vivendo. Por esse motivo, entendemos, a partir do discutido, os engenheiros como sujeitos inseridos em práticas constantes de letramentos. Seu campo de atuação promove Discursos secundários cujo domínio leva o profissional a se sentir integrante do grupo, marcando assim sua identidade profissional. Compreendemos, assim, que “[...] ninguém é um único *quem*, mas uma grande quantidade de *quens* diferentes em distintos contextos. [...] o mesmo que se diz ou se faz pode ser interpretado como coisas diferentes em distintos contextos. Representamos distintos *quens* e *quês* utilizando diferentes linguagens sociais”⁵ (GEE, 2005, p. 81, grifos do original). Com essa afirmação de Gee (2005), podemos entender que a identidade de um sujeito é também perpassada pelos múltiplos gêneros que ele utiliza. Nesse caminho, Motta-Roth (2011, p. 157) entende o conceito de gênero como uma atividade:

- a) constituída na linguagem;
- b) em um determinado contexto de situação;
- c) que engendra papéis para seus participantes;
- d) por sua recorrência, estrutura o contexto de cultura. Este, por sua vez, sofre a ação dos vários discursos e ideologias.

Nessa perspectiva, o domínio dos gêneros que circulam no campo de trabalho de engenheiros é parte da constituição identitária desse profissional. A engenharia engloba diferentes áreas, e cada uma, com sua especificidade, envolve distintos projetos e ações. Sabemos que o papel do engenheiro está envolto em técnicas e cálculos, mas, a partir da pesquisa desenvolvida e das discussões aqui apresentadas, temos desvelado um pouco do outro lado da engenharia – pouco discutido e na concepção de alguns até inexistente –, o lado dos discursos e da leitura e escrita dos gêneros que fazem parte desse campo e também são pontos relevantes para a construção da identidade de um indivíduo.

Com essas reflexões, retomamos os questionamentos feitos anteriormente e acrescentamos um: de que forma pensar os gêneros como instrumentos de ensino na educação superior? O primeiro passo para pensar no trabalho com os gêneros no ensino superior é compreendê-los de modo flexível, entendendo que eles se modificam e vão além da sua forma e além, ainda, de seu objetivo comunicativo. São, portanto, “formas culturais e cognitivas de ação social” (MARCUSCHI, 2008, p. 151). Diante disso, Fischer

⁴ [...] episodios observables que surgen de las prácticas y son formados por estas. La noción de eventos acentúa la naturaleza ‘situacional’ de la literacidad com respecto a que esta siempre existe en un contexto social.

⁵ [...] nadie es un único *quién*, sino gran cantidad de *quiénes* diferentes em distintos contextos. [...] lo mismo que se dice o se hace puede interpretarse como cosas diferentes em distintos contextos. Representamos distintos *quiénes* y *qués* utilizando diferentes lenguajes sociales.

(2011, p. 140), ao investigar o trabalho com gêneros em um curso de Engenharia Têxtil na Universidade do Minho, em Portugal, advoga que “para que os estudantes se identifiquem como membros efetivos na comunidade de prática onde têm de ser bem sucedidos, são necessárias posturas mais dialógicas”. No caso das engenharias, especificamente, há uma relação profissional que envolve, por vezes, obras, leis ou vários outros aspectos que refletem de forma vital no cotidiano de empresas e de pessoas. A ação produzida pelo engenheiro, portanto, tem por finalidade uma interação que perpassa pelo texto escrito.

Ao considerarmos, então, o domínio dos gêneros discursivos próprios do campo de trabalho de engenheiros como um dos requisitos para a formação identitária do profissional, inferimos que o ensino superior possui um importante papel também no que tange a esse aspecto. Não de forma a modificar sua grade curricular e voltá-la para os estudos da linguagem, mas, sim, de inserir, de forma articulada, no currículo já existente a reflexão e a discussão desses textos que os engenheiros irão usar no cotidiano profissional. Assim, “a abordagem dos gêneros textuais, a produção de textos conforme condições de produção e propósitos comunicativos, entre outros enquadramentos, são questões que poderiam ajudar na reformulação desses cursos.” (RIBEIRO; GUIMARÃES; SILVA, 2012, p. 130). Conforme Bakhtin (2010b), todas as atividades humanas estão atreladas ao uso da língua, então esta deveria também possuir seu lugar quando se trata de preparar um profissional competitivo para o campo de trabalho e, neste ponto, podemos usar os dados trazidos por nossa pesquisa como forma de reflexão, mas podemos, também, de forma empírica, ampliá-la para todos os campos profissionais. Diante disso, entendemos que um ensino integrado e sistematizado, durante a formação superior, poderia ser um caminho para articular os conhecimentos técnicos próprios da engenharia com os conhecimentos que envolvem a leitura e a escrita dos diferentes gêneros discursivos que fazem parte do campo profissional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ler, escrever e falar são situações comunicativas que se concretizam a partir de gêneros discursivos específicos e delineados de acordo com o campo onde se está inserido. Após analisar o enunciado dos seis sujeitos apresentados, é possível pensar sobre o papel do trabalho com os gêneros textuais no processo de formação no ensino superior. Nesse caso específico, em um curso da área das exatas que não possui a leitura e a escrita como foco, mas que se mostra presente e essencial na atuação profissional. O ensino tem papel relevante nessa construção e, por isso, refletir sobre ele se faz necessário. Trouxemos, neste trabalho, uma reflexão a ser ampliada, mas que dá base para sustentar o papel do ensino superior na formação do engenheiro enquanto profissional que tem, também, a leitura e a escrita como constitutivas da sua identidade.

A partir de todos os dizeres analisados, entendemos que o uso dos gêneros discursivos faz parte das práticas sociais no campo profissional das engenharias. É dessa

forma também que os engenheiros se tornam pertencentes ao campo, não só pelo domínio técnico e de cálculo, mas também pelo domínio da linguagem. Por esse motivo, pensar em um ensino que possa agregar o conhecimento dos gêneros dessa área, a partir de situações comunicativas próprias do campo de trabalho, ao conhecimento técnico tem se mostrado profícuo.

Por fim, o objetivo estabelecido inicialmente para este artigo foi discutir sobre os gêneros discursivos (escritos) que engenheiros apresentam como parte de seu dia a dia no campo de trabalho e lançar uma reflexão em torno do papel do ensino superior no que diz respeito a esse aspecto. Com os dados gerados a partir das entrevistas realizadas, foi possível ter um panorama do que o engenheiro encontra no campo profissional quando o assunto é gênero discursivo. É possível depreender que não são poucos e que são peças fundamentais para a atuação do profissional e, além disso, para a constituição da identidade própria desse campo da atividade humana. Assim, saber produzir memoriais descritivos, laudos técnicos, relatórios, dentre outros, é requisito cobrado pelo próprio campo desses profissionais. Além de precisar ler editais, artigos, notícias, dentre tantos outros gêneros, para que o trabalho possa fluir e o engenheiro possa se consolidar em seu contexto profissional.

Os enunciados dos engenheiros, por fim, propiciam diversas reflexões, e todas elas mostram uma engenharia que caminha para além do conhecimento técnico, mostrando a relevância da linguagem nesse contexto. Tendo identificado esse processo, agora cabe pensar sobre as práticas de ensino em torno desses aspectos, especialmente no que concerne aos gêneros específicos da área. Por esse motivo, pesquisas continuam sendo empreendidas a fim de estudar questões que relacionem a educação em engenharia e a linguagem.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BARTON, David.; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. Tradução de Catalina Zapata-Vial. In: ZAVALA, Virgínia; NIÑOMURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Org.). *Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2004.

FISCHER, Adriana. *A construção de letramento na esfera acadêmica*. 2007, v. 1. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. (Re)posicionando os gêneros discursivos em práticas de letramento acadêmico: um estudo de caso na engenharia. In: FRONZA, Cátia de Azevedo; HEINIG, Otilia L. de O. M. (Org.). *Diálogos entre Educação e Linguística 2*. 2. ed. Blumenau: Editora da FURB, 2011. p. 127-144.

FISCHER, A.; HEINIG, O. L. O. M. (org.). *Linguagens em uso nas engenharias*. Blumenau: Edifurb, 2014.

FRANZEN, B. A. *Letramentos: o dizer de engenheiros relativo ao seu campo de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau. Blumenau: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

GEE, James Paul. *La ideologia en los discursos: lingüística social y alfabetizaciones*. Tradução de Pablo Manzano. Madri: Ediciones Morata, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HEINIG, O.L.de O.M.; SANTOS, G. R. O letramento no processo de formação do engenheiro civil. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 6, n. 1, p. 53-78, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.furb.br/atosdepesquisa/>>. Acesso em: 28 maio 2011.

LEA, Mary.; STREET, Brian. The “academic literacies” model: theory and applications. *Theory Into Practice*. College of Education and Human Ecology, The Ohio State University, 2006. Disponível em: <[http://www.people.iup.edu/gnvp/D-K/articles/from%20Atsushi/Mary%20Lea%20&%20Brian%20Street%20\(2006\)%20%20Academic%20Literacy%20Model.pdf](http://www.people.iup.edu/gnvp/D-K/articles/from%20Atsushi/Mary%20Lea%20&%20Brian%20Street%20(2006)%20%20Academic%20Literacy%20Model.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. London: Sage, 1996.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 153-173.

RIBEIRO, Ana Elisa; GUIMARÃES, Izabella F.; SILVA, Suelen E. Costa da. Aulas de português na formação de engenheiros: expectativas e concepções de alunos e professores de instituição pública em Minas Gerais. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 16, n. 30, p. 117-136, 1º sem. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4243/4396>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SCHLICHTING, T. de. S. *Letramentos em contexto de aprendizagem ativa nas engenharias: “construindo o edifício de palavras para nele ser inquilino”*. Dissertação (Mestrado em Educação). Blumenau: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Org.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 71-91.

STREET; Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparativ Education*, v. 5 n. 2, p. 1-14, 2003.

VALEZI, Sueli Correia Lemes. Representações sobre o trabalho do docente de língua portuguesa no contexto da educação profissional em textos produzidos por um sujeito singular. *Veredas: Interacionismo Sociodiscursivo*. Juiz de Fora, PPG Língua/UFJF, p. 467-487, 1º sem. 2017. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2017/11/26-Representa%C3%A7%C3%B5es-sobre-o-trabalho-do-docente.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

ZAVALA, Virgínia. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; GRANDE, P. (Org). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.